

PARTE OFFICIAL.

PORTARIA.



ornando-se de absoluta, e eficaz necessidade classificar os empregos amovíveis e inamovíveis, para de futuro se regularem as questões; somos servidos determinar e considerar inamovíveis:

1.º Todos os fabricantes de cadastros de aletria, par

meção, e lazanha.

2.º Qs fabricantes de banha d'urso, cara à moulache, bandolinas, lamparinas, graxa, escovas de dentes, macassar, sapatos de orellos, de mouro, e papeis de castiças:

3.º Todas as seringas europeas-albânicas.

4.º Os cataventos, bandeirinhas, papagaios, papellotes, e piparotes da imprensa ..... estandarantina.

5.º As lages que sahirem do terreno marcado pelo architecto, e forem collocadas em outros, mas que sejam em logar direito.

6.º Os freguezes das Mercês.

7.º Os impressores, e batedores do Burlesco.

8.º O Bruni em quanto estiver em scena.

Palacio do Poço dos Negros, 31 de Janeiro de 1852.

Os Redactores.



A sorte dos servidores do Aestado cada dia se vai tornado mais desgraçada! Estes homens que em épocas de fartura, de honestidade, de legalidade, de justiça, de moral, de honradez, de palavra, de caletes, e de porcellanas, serviam na repartição os cargos do seu dever, e no quartel, na moeda, no terreiro, na praça, e no banco, com a seringa na mão gritando,

á lerta, e quem vem lá, o salario não era pago pelo pagador da repartição, mas sim pelo tinholo agiota, que lhe dava 30 réis pelos seus 30 ou 31 dias de seu trabalho!

Esse tempo já lá vai, ficou o tempo da miseria, da desgraça da anarchia, da desordem, da illegalidade, e de todas as cousas más, (menos a febre amarella, e o ca-

leche) tiram as seringas aos pobres empregados, mandam-lhes entregar as corréas, e para maior castigo dos seus peccados pagam lhe todos os mezes, sem ser preciso andar com a róca na mão, com muito frio, as botas pedindo tombas, envolvidos em velha folha de couve, com olhar de *mizerere*, chorando pitanga ás portas dos soberbos, e mal-encarados dependadores do genero humano.

Ha dias um empregado foi barbaramente atacado por dois d'estes que a *forcebre* queriam que o homem lhes vendesse os recibos! Foi preciso zangar-se, e dizer-lhes que o não seringassem!

Estes sapos estão damnados, e cheios de consumições.



Estamos authorisados a declarar, que por participações secretas, ultimamente recebidas do nosso correspondente de Paris sabemos, que o Luiz dos gallos recesso que no mundo se falle contra elle, mandára espiões para saber o que se diz.

Para Inglaterra mandou um cento d'elles disfarçados em laranjas, para ouvirem as conversas secretas dos Lords.

Para Hespanha outros tantos disfarçados em chocolate.

Para a America não encontrou nada em que podesse disfarça-los.

Para Portugal wudou um general seu disfarçado em macaco, o qual subindo ás janellas não só ouve, mas até arranja algum vintemzinho para as urgencias do estado.

Decimos que nos mandaram os troianos de Paris, para serem publicadas no Burlesco de Lisboa, visto em França estarem as rollhas todas collocadas no seu logar.

1.

Ulysses estava em paz Sem ter pensão nem cuidado, Achou um chapéu armado, Umás botas, um cabaz, Vestê-se, vai vender paz, Tremoços e alcomonia, E dentro d'uma amotolia, Levava uma constituição Boa para seringaço No cimo da Cotovia.

2.

Ulysses é sobrinho De um tio imperador, Fez-se bom seringador, Gaiato e espartinho.

Dantes era um macaquinho Que nem trinta réis valia, Porém chegou o dia De dar á França passes Com batalhões de rapases No cimo da Cotovia.

3.

Ulysses calçou as botas, Pôz um chapéu armado, E com espadim ao lado Escabreou os janotas. As tainhas, as marmotas, As lulas, e a enguia Disseram todas um dia Viva o grande D. Quixote! Mas levaram com o chicote No cimo da Cotovia.

4.

Ulysses, sendo rapaz Tem fumaças de valente, E quando arreganha o dente Nunca olha para traz. E' bumba, bumba, zás, que zás, Não guarda para outro dia Não lhe importa a gritaria Que vai por esse mundo! Queira Deos que não dê fundo No cimo da Cotovia!

5.

Ulysses se se lembrar Estar sózinho em França, Arranja uma contradaça, E manda tudo deportar. Depois mandará buscar Onde se faz bonecraria De chumbo cavalleria, E commandar uma acção Na fabrica de papellão No cimo da Cotovia.

6.

Ulysses se continúa O que começou em Janeiro, Talvez cáia do poleiro E vá para o meio da rua; Depois faça de perúa Na Praça da Alegria, E quando chegar o dia Em que se mascára a gente, Ser mandado de presente No cimo da Cotovia.

7.

Ulysses não pensará Nos seus visinhos londrinos? Pois saiba que são meninos A quem nada escapará. Quem sabe se haverá Obra de seringaria, E quando estiver um dia Tudo muito descaçado Aparece elle seringado No cimo da Cotovia.

8.

Ulysses disse aos francos, Eu sou o gram senhor! Hi de ser imperador, Que m'importa os inglezes?

E nós cá os Portuguezes  
 (Que sempre estamos em dia)  
 Ahí vai a profecia =  
 Ha-de ser, e até coroado  
 Por mão de gato pingado  
 No cimo da Cotovia.

9.

Ulysses não tem juizo,  
 E se teve já o perdeu:  
 Ainda lhe não nasceu  
 O chamado dente do sizo!  
 Pois lhe era bem preciso,  
 Aliás se algum dia  
 Lhe fizerem gritaria,  
 E o mandarem passear,  
 Precisa vir morar  
 No cimo da Cotovia.

10.

Ulysses, o descendente

Dos gallos e dos capões,  
 E herdou de fanfarrões  
 A mania de valente.  
 O rapaz está demente,  
 Mette dó tal valentia!  
 Se assim vai, até um dia  
 (Se lh'o disser o diabo)  
 Teremos golpe d'estado  
 No cimo da Cotovia.

11.

Ulysses, grego sagaz,  
 Foi espertalhão chapado.  
 Deu o seu golpe d'estado,  
 Em Troia (erá rapaz)  
 Foi feliz, depois — zás  
 (Quem de tal se lembraria?!)  
 Pois, senhores, juntou-se um dia  
 Tanta rapaziada,  
 Que o mataram á gebada

No cimo da Cotovia,  
 12.

Ulysses quando nasceu  
 Tinha o pescoço torcido,  
 Um braço torto e encolhidò  
 E cara de farizeu.  
 Endireitou-se e viveu.  
 Mas segundo se dizia  
 Em Paris ainda outro dia  
 Morrerá talvez mais guesso!  
 Ainda o heide vêr de geasso  
 No cimo da Cotovia.

Responsavel Manoel de Jesus Coelho.

LISBOA

Typographia de Manoel de Jesus Coelho.  
 Rua do Poço dos Negros n.º 54.

